

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA
ESCOLA**

DAMIANA CAMILA VILALVA FRANÇA

**SER MULHER NEGRA NO COTIDIANO ESCOLAR: NARRATIVAS,
MEMÓRIAS E PERCURSOS.**

ITAPEMA

2017

DAMIANA CAMILA VILALVA FRANÇA

**SER MULHER NEGRA NO COTIDIANO ESCOLAR: NARRATIVAS,
MEMÓRIAS E PERCURSOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

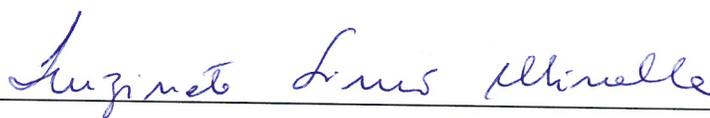
Aprovado em vinte de fevereiro de 2017.

Coordenação do Curso:

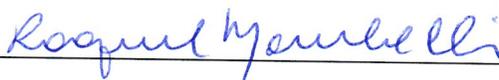


Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Luzinete Simões Minella



Raquel Mombelli



Dijna Andrade Torres

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

FRANÇA, Damiana Camila Vilalva

Ser mulher negra no cotidiano escolar: narrativas,
memórias e percursos / Damiana Camila Vilalva FRANÇA ;
orientadora, Raquel MOMBELLI - Florianópolis, SC, 2017.
46 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola
(GDE).

Inclui referências

1.Educação . 3. Trajetória escolar. 4. Histórias de vida.
5. Mulher negra. I. MOMBELLI, Raquel. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Especialização em Gênero e
Diversidade na Escola (GDE). III. Título.

AGRADECIMENTOS

Chegar até esse momento foi uma tarefa bem árdua. Existiram momentos de incentivo, mas também existiram momentos de cansaço. Momentos que muitas das vezes me fizeram pensar em desistir. No entanto, prossegui rumo ao meu objetivo. Essa trajetória me fez enxergar pessoas que sempre se manteve ao meu lado, me incentivando, me auxiliando, me encorajando. Então esse é o momento de agradecê-las.

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir concluir esta etapa. Ele foi fundamental para a minha continuação no Curso. A Ele devo à vida, o oxigênio, a coragem, a força, o empenho. Ele é o responsável por tudo que envolve a minha vida.

Agradeço ao meu esposo Isac pelos momentos que esteve ao meu lado, sempre incentivando. Agradeço-o pelo ombro amigo estendido a mim, nos momentos que pensava que não ia conseguir, devido a alguns entraves de ideias do Curso com as minhas. Agradeço-o pela força que sempre me deu e também pela compreensão de me permitir estudar além do que eu podia.

Agradeço a minha querida filha Ana Sophia, que ainda não nasceu, mas que durante a construção do trabalho esteve sempre com a mamãe bem quietinha e calminha. A minha linda princesa, o meu muito obrigada.

Agradeço a minha mãe, irmãos e familiares pelo apoio, pela confiança, por sempre acreditarem que eu podia.

Agradeço a meus colegas de Curso, que contribuíram com suas dúvidas, questionamentos, debates para essa formação, e principalmente a Juleide, que sempre estava conversando comigo sobre a nossa temática, bem como auxiliando na definição da mesma.

Agradeço a querida tutora presencial Cláudia, e aos demais tutores a distancia por sempre me acompanharem, e sanarem as minhas dúvidas. Sei que não fui fácil em alguns momentos, questionando alguns destes. Porém, cada um deles, se esforçou ao máximo para me responder.

Agradeço as duas mulheres participantes dessa pesquisa: Dandara e Tereza, que me permitiram conhecer as suas historias de vidas, bem como descrevê-las nesse trabalho, tornando-as “conhecida”.

Faço também aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação

(FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

E como não agradecer aos professores das disciplinas, que se empenharam, que se dedicaram e repassaram um pouco dos seus conhecimentos a cada um de nós. A esses grandes mestres, o meu muito obrigada.

E por último, e não menos importante, agradeço a minha querida orientadora Raquel Mombelli, a qual não tive o prazer de conhecê-la ainda pessoalmente. Agradeço-a pelo auxílio, pelo incentivo, pela construção dessa pesquisa, bem como pela compreensão no momento em que passei dificuldades para cumprir os prazos. Agradeço-a imensamente, pois fizeste sempre o possível para que esse trabalho se realizasse, e aqui estou.

A todos, o meu obrigado!

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a trajetória de duas mulheres negras no espaço escolar público. A partir da realização de entrevistas narrativas busca-se compreender os significados atribuídos, a partir de suas próprias perspectivas, de ser negra no cotidiano escolar. A metodologia que será utilizada para atingir o determinado objetivo será de natureza qualitativa, que busca compreender um determinado fato, acontecimento, permitindo um tratamento sobre os dados que serão coletados durante a pesquisa, de modo que seja possível a transcrição e a reflexão sobre a temática. Para tanto, foram selecionadas duas mulheres negras, com processo de escolarização em épocas diferentes, e de idades e trajetórias de vida diversas de modo a compreender o papel que a escola desempenhou em sua formação educacional, pessoal e profissional e de que forma a identidade étnico-racial foi observada em suas trajetórias educacionais. Os nomes fictícios Dandara e Tereza de Benguela, duas referências foram utilizados para preservar a identidade pessoal das entrevistadas e estabelecer uma conexão entre suas histórias de vida.

Palavras-chave: Mulher Negra, Trajetória Escolar. Histórias de vidas

ABSTRACT

The present study aims to analyze the trajectory of two black women in the public school space of the State of Santa Catarina. From the accomplishment of narrative interviews it is sought to understand the meanings attributed, from its own perspectives, of being black in the school routine. The methodology that will be used to reach the determined objective will be of a qualitative nature, which seeks to understand a certain fact, event, allowing a treatment on the data that will be collected during the research, so that it is possible to transcribe and reflect on the subject . In order to do so, two black women were selected, with a schooling process at different times, and different ages and life trajectories in order to understand the role that the school played in its educational, personal and professional formation and in what way the ethnic identity Was observed in their educational trajectories. The fictitious names Dandara and Tereza de Benguela, two references were used to preserve the personal identity of the interviewees and to establish a connection between their life histories.

Keywords: Black Woman, School Trajectory. Stories of lives

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. METODOLOGIA DO TRABALHO.....	10
3. OBJETIVOS.....	13
4. EDUCAÇÃO E SUPERAÇÃO DO RACISMO.....	13
5. SEM MENTE: MULHERES NEGRAS VISTAS APENAS COMO OBJETO SEXUAL	15
6. CONCEITUANDO RAÇA E RACISMO.....	18
7. BREVE RESUMO DA DESIGUALDADE DAS MULHERES NEGRAS NO CONTEXTO ESCOLAR.....	19
8. NARRATIVAS E MEMÓRIAS	
8.1 NARRATIVAS, MEMÓRIAS E PERCURSOS DE DANDARA.....	23
8.2 NARRATIVAS, MEMÓRIAS E PERCURSOS DE TEREZA DE BENGUELA.....	29
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS: DANDARA E TEREZA, ONTEM E HOJE PERCURSOS ESCOLARES REINCIDENTES.....	35
10. REFERÊNCIAS.....	40
11. ANEXOS.....	45

1. INTRODUÇÃO

Vivemos atualmente em uma sociedade extremamente patriarcal, capitalista, dominada pelos homens, e ainda, dominada pelos homens brancos. Esse estudo abordará um tema que precisa ser discutido amplamente entre todos: o ser mulher negra. Se não bastasse ter que conviver com o estereótipo de ser mulher, e assim sofrer preconceitos, convivendo com o complexo de inferioridade e subordinação, precisa-se conviver com o fato maior ainda, o de ser uma mulher negra em país extremamente capitalista, machista e racista.

Sabe-se que na sociedade em que vivemos atualmente, perdura-se um quadro alarmante de desigualdade de gênero, produzindo assim um mapa de exclusão da grande parcela feminina em relação aos homens. A desigualdade mostra-se presente não apenas nas funções pré-determinadas pelo sexismo, mas também na faixa salarial inferior, comparado-a com de um homem. Segundo Nery (2005),

Desde que a mulher ingressou no mercado de trabalho, podemos notar que vários aspectos das diferenças de gênero têm se manifestado. As mulheres geralmente recebem salários menores que os dos colegas homens, são submetidas a tarefas menores, monótonas, repetitivas, têm menores oportunidades de conseguir empregos, são as primeiras a entrar nas listas de demissão quando há cortes nas empresas [...] (Nery, 2005, p. 46).

Diante disso, percebem-se as representações sociais que muitas mulheres tem enfrentado diariamente, configurando-se como um quadro de desigualdade de gênero dentro de nossa sociedade.

Durante o curso da disciplina Raça e Etnia, do Curso de Pós Graduação: Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal de Santa Catarina, tive a oportunidade de aprofundar questões relevantes sobre o negro do mundo e no Brasil, bem como pude perceber o duplo preconceito sofrido pela mulher negra na sociedade.

Diante disso, me propus a estudar acerca da trajetória escolar de duas mulheres negras no espaço escolar público, bem como conhecer os significados atribuídos a partir de suas próprias perspectivas, de ser negra no cotidiano escolar. É importante ressaltar que a questão de conhecer essas duas mulheres facilitou o acesso aos depoimentos. Entrevista-las foi um misto de nostalgia e ao mesmo tempo espanto com as situações que cada uma vivera ao longo de suas trajetórias de vidas. Dandara e Tereza, nomes fictícios atribuídos às mesmas, viveram

processos de escolarização em épocas diferentes, bem como trajetórias de vida diversas de modo a compreender o papel que a escola desempenhou em suas formações educacionais, pessoais e profissionais. Estou interessada nesse problema e queria encontrar respostas às seguintes perguntas: Quais os significados, sentidos atribuídos a escola? Quais eram as expectativas iniciais destas com a escola, e o que mudou? Como foi a inserção destas no mundo escolar, o processo de letramento? O que os pais diziam com relação aos estudos, quais eram as justificativas? Como eram as relações sociais com as crianças brancas no espaço escolar e com os professores, e nos eventos festivos, o que se destacava nesse universo escolar? E nas reuniões de pais, as notas, trabalhos acadêmicos, educação física, materiais que mais gostavam? Como lidavam com o conflito no espaço escolar? De que forma a identidade étnico-racial foi considerada no processo de formação educacional enquanto alunos e por parte da instituição escolar?

Através disso, acredito que trarei contribuições importantes para o aprofundamento dessa temática, enfatizando aspectos importantes no percurso escolar das mulheres negras, bem como também uma conexão do mundo escolar, com o mundo social.

O presente estudo será dividido em duas partes essenciais. A primeira parte descreverá a trajetória da mulher negra no Brasil e sua entrada nos âmbitos escolares, enfatizando as dificuldades e desafios enfrentados pelas mesmas. A segunda parte retratará duas histórias de mulheres negras com diferentes percursos escolares, enfatizando suas experiências. Através do retrato dessas histórias será possível analisar, bem como discutir possíveis interferências sofridas por essas, durante a suas trajetórias escolares.

Decidi optar por estudar essa temática, pois se trata de algo que me cativa diariamente, e que me faz refletir várias questões em torno desta. O meu objetivo principal com esse estudo é analisar a trajetória escolar de duas mulheres negras na escola pública, de forma a perceber, a partir de suas próprias perspectivas, o significado de ser negra no cotidiano escolar. Identificar os principais fatores acionados por elas para justificar as experiências de sucesso ou fracasso escolar, bem como, de que forma, esses eventos apareciam ou não associados ao pertencimento étnico-racial e a práticas de racismo na escola.

2. METODOLOGIA DO TRABALHO

A metodologia que foi utilizada para a construção dessa pesquisa foi de natureza qualitativa. Segundo Neves (1996, p. 1), esse tipo de pesquisa “compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados”. Dessa forma, a escolha dessa abordagem ocorreu pelo fato da mesma permitir um tratamento sobre os dados coletados, bem como a descrição e a reflexão sobre um determinado acontecimento.

Para cumprir os objetivos propostos acima, foi preciso utilizar alguns procedimentos metodológicos, descritos abaixo.

Inicialmente, entrei em contato com duas mulheres negras de idades e níveis de escolarização diferentes: uma com idade de 35 anos, com Ensino Médio Completo, e outra com idade de 60 anos, com Ensino Médio Incompleto.

Após a escolha dessas duas mulheres, bem como o aceite das mesmas em participar da pesquisa, realizei entrevistas - narrativas de forma que elas contaram suas histórias de vidas e seus percursos escolares a partir de suas próprias perspectivas e condições de pertencimento étnico-racial. Para a realização do método entrevista - narrativa utilizei um roteiro com perguntas previamente elaboradas a fim de controlar maior o alcance dos objetivos proposto nesse projeto de pesquisa.

Segundo Goss (2003, p. 37): “[...] a idéia da entrevista “narrativa” é de reconstrução dos acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes. O conhecimento desse mundo construído pelas pessoas em suas interações diárias é de fundamental importância para o pesquisador [...]”.

É de fundamental importância conhecer profundamente a trajetória de vida de cada sujeito, para que assim se possa fazer uma análise minuciosa quanto ao objeto estudo, a problemática do trabalho. Nesse sentido, o método da história de vida é também um passo primordial para se chegar aos frutos da pesquisa. Através do relato dessas mulheres negras, foi possível analisar a trajetória escolar das mesmas, destacando pontos positivos e negativos relacionados às suas condições de pertencimento étnico-racial ocorridas durante a trajetória escolar.

Segundo Oliveira (2007), a história de vida usada como metodologia de trabalho com adultos permite:

[...] viabilizar o acesso às representações que estas pessoas vêm construindo sobre sua condição humana, sobre a sociedade, sobre a educação, sobre a

escola, sobre o presente e, também, o futuro. Mas não só isso, também pela história oral temos acesso aos saberes construídos [...] (OLIVEIRA, 2007, p. 190).

Mais do que a escuta da história de vida das pessoas permite “ouvir as vozes” daqueles que um dia foram esquecidos, excluídos, marginalizados. Para Gaspar da Silva (2006, p. 132), “ao ouvir vozes do passado, mergulha-se num mundo em que real e ficção se misturam, num mundo eivado de emoções. Envolvemo-nos em testemunhos normalmente marcados pela nostalgia”.

É importante ressaltar que o que se registra “[...] não é a reprodução do passado tal como foi vivido, mas tão só as lembranças, recordações e as representações que as testemunhas dele conservam” (VIDIGAL apud PASSEGGI; SOUZA, 2008, p.134).

Ainda sobre a história oral, temos as contribuições teóricas de Soihet e Pedro (2007) sobre o uso da história oral para a temática de relações de gênero. Essas autoras destacam algo fundamental sobre a utilização da história oral enquanto metodologia de pesquisa. Pois para elas a história de vida, leva-se em conta o passado do sujeito, na qual mergulha-se nas experiências já vividas, trazendo-as tona em sua memória. Destacam que desse modo, as histórias de vidas “[...] deixam de ser apenas uma tentativa de corrigir ou suplementar um registro incompleto do passado, e se torna um modo de compreender criticamente como a história opera enquanto lugar de produção do saber de gênero” (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 291).

Venson e Pedro (2012, p. 4) avançam um pouco mais no conceito de história oral, enfatizando que a memória trata-se de uma invenção do sujeito, de modo que “[...] a rememoração é sempre um processo de subjetivação, de positivação, de refazer, de criação [...]”. Consoante a isso, Gonçalves e Lisboa destacam que o relato do sujeito sobre sua própria vida é cercado de questões subjetivas, que o envolvem. Para este, a subjetivação trata-se de um processo histórico que faz parte da sociedade. “Cada sociedade é uma maneira de fazer o tempo, de construir o tempo. É na sociedade que o indivíduo torna-se sujeito” (GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 87).

Enfim, de forma geral, o método da história oral contribui significativamente na construção desta pesquisa, pois me permitiu conhecer o passado dessas duas mulheres, estabelecendo uma relação das condições sociais das mulheres negras no passado com o

presente, além de perceber as perspectivas que projetavam para si e para os seus descendentes. .

Como instrumento de registro, utilizei o gravador, que permitiu registrar minuciosamente todos os fatos contados durante a entrevista. Depois de ouvir as histórias de vida, passei para o próximo passo que foi a transcrição, sistematização e análise do material dos dados coletados.

Após a sistematização dos dados da pesquisa, passei para o passo final, onde foram analisados esse dados de forma a cumprir os objetivos da pesquisa.

3. OBJETIVOS

OBJETIVO PRINCIPAL:

- Analisar a trajetória escolar de duas mulheres negras na escola pública, bem como conhecer os significados atribuídos a partir de suas próprias perspectivas, de ser negra no cotidiano escolar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Descrever o perfil social, cultural e econômico das duas mulheres negras;
- Compreender as expectativas dessas mulheres com relação ao universo escolar;
- Identificar os principais fatores apontados para justificar as experiências escolares de sucesso ou de fracasso escolar;
- Identificar se o preconceito e/ou o racismo estava presente no cotidiano escolar;
- Estabelecer relações entre as histórias de vidas dessas mulheres, seus projetos de vida e o tema étnico-racial no espaço escolar.

4. EDUCAÇÃO E SUPERAÇÃO DO RACISMO

Quando nos propomos a estudar a temática da mulher negra no Brasil, a partir de seu percurso escolar e sua conexão com o mundo exterior, tornamo-nos vulneráveis a encontrar

diversos fatores influenciadores no processo de escolarização das mulheres negras. Um desses fatores que acabam por influenciar na trajetória escolar dessas mulheres são os racismos vigentes em nossa sociedade. Diversos autores tem identificado a existência de um certo tipo singular de racismo no Brasil, o racismo que ninguém quer ver ou que não admite que ele exista, alguns autores tem identificado esse tipo de racismo como racismo velado. O racismo é um fator estruturante das desigualdades sociais, e da evasão escolar. Esse racismo velado é responsável pela dificuldade dos professores em identificar sua existência e de trabalhar com as diferenças étnico-raciais em sala de aula ou com conteúdos que não sejam eurocêntricos.

Nogueira (2007) destaca aspectos bem relevantes ao tipo de preconceito existente em nossa sociedade brasileira. Segundo ele, existem ao menos dois tipos de preconceitos, e o que temos no Brasil hoje, trata-se de um preconceito racial de marca, que se constitui nada mais que um preconceito de cor. “Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é *de marca* [...]” (NOGUEIRA, 2007 p. 6). Ainda, enfatiza que o preconceito racial está intimamente ligado ao *ethos*, ao modo de ser cultural de cada sujeito, destacando assim a forma velada de preconceito existente em nosso país.

Viver em uma sociedade onde pessoas acabam sofrendo um duplo preconceito (o primeiro por ser mulher e o segundo por ser mulher negra) denota a inexistência de políticas públicas visíveis e reais, que precisam ser colocadas em práticas, a fim de vencer os grandes males vigentes hoje nessa grande sociedade: o racismo e o sexismo.

Sant’ana (2005) destaca algo enfático acerca da discriminação para a reflexão:

Quando falamos em discriminação étnico-racial nas escolas, certamente estamos falando de práticas discriminatórias, preconceituosas, que envolvem um universo composto de relações raciais pessoais entre os estudantes, professores, direção da escola, mas também o forte racismo repassado através dos livros didáticos (SANT’ANA, 2005, p.50).

Nesse sentido, é preciso que os professores, enquanto mediadores, educadores, estejam atentos a tudo que acontece ao redor, as “vozes” (verbal ou não) que ecoam dentro da sala de aula. Dar a devida importância a tudo, ainda que aparentam ser algo insignificante. O professor é uma peça importante no processo de educação, de transformação do sujeito, na

medida em que os estereótipos, discriminações não podem existir em suas vidas. Tratam-se de seres formadores, que acabam por reforçar preconceitos, ou eliminá-los para sempre.

Para combater as desigualdades étnicas e sociais no Brasil, existe uma série de dispositivos normativos que recomendam ou determinam de forma direta ou indireta o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira. Isso porque historicamente as ações do Estado brasileiro voltadas para a escolarização da população negra foram insatisfatórias. Esses dados são constatados a partir de gráficos e tabelas que revelam a situação desigual do acesso a educação pela maioria dos afro-brasileiros. O Governo Federal como forma de reconhecimento da pluralidade sócio cultural de nosso país, criou duas leis essenciais para essa luta contra o preconceito: Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 e Lei 11.645, de 20 de janeiro de 2008.

Ambas as leis vem ampliar a base dos currículos escolares com relação a diversidade cultural, étnica e racial no espaço escolar de forma a repensarmos as nossas relações étnicas-raciais. Estas fazem com que os professores também aprendam a lidar com a questão do racismo. Isso torna a educação de maior qualidade. Além disso, é importante registrar que na luta do movimento negro brasileiro, a educação como sinônimo de instrução como no sentido mais amplo, foi sempre uma pauta fundamental no processo de equiparação os negros aos brancos, no que diz respeito as oportunidades iguais no mercado de trabalho, como condição básica para a mobilidade social, ou como “instrumento de conscientização por meio do qual os negros apreenderiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura de seu povo, podendo a partir deles reivindicar direitos sociais e políticos, direitos à diferença e respeito humano” (GONÇALVEZ, 2000, p. 337) .

5. SEM MENTE: MULHERES NEGRAS VISTAS APENAS COMO OBJETO SEXUAL

“Me amarro em uma neguinha”; “Oh nega do corpo sarado”; “Gosto de uma nega, pois arrebenta na cama”, essas são frases muito corriqueiras de se ouvir, e que denotam o valor sexual da mulher negra para a sociedade.

Através dessas falas corriqueiras percebe-se que a mulher negra é caracterizada como um objeto sexual.

Nota-se que desde o período da escravização, a representação da imagem do corpo da mulher negra tem passado por vários processos de inferiorização, que vão desde o trabalho escravo até o trabalho sexual. Gonzalez apud Pacheco (2008) afirma o seguinte:

A mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho” [...] produto de exportação (GONZALEZ APUD PACHECO, 2008, p. 24).

Em consonância a esse tipo de representação social da mulher negra, Hooks (1995) enfatiza que há uma desvalorização não só fisicamente, mas intelectualmente da mulher negra. Descreve que as mulheres negras muitas vezes são consideradas “Só corpo, sem mente”, explicitando assim, que as tais não possuem capacidade suficiente para se tornarem seres pensantes, “intelectuais”. Segundo essa autora, as mulheres são consideradas sujeitos primitivos, que nunca se desenvolverão, chegando ao estágio desenvolvido, designado apenas ao branco. Essas mulheres sempre estarão em um nível mais baixo em comparação aos brancos.

Giacomini (2015) destaca que a representação da mulher negra está associada ao corpo sensual, envolvendo questões sexuais. Nesse sentido, mulheres negras são apenas “corpos bonitos”, e que muitas vezes já tem profissões (relacionadas a sexualidade) designadas às mesmas dentro da sociedade. Como expressão desse debate, temos a Globeleza, que trata-se de um nome dado a mulata que samba, exibindo seus atributos físicos, a fim de chamar atenção ao evento do Carnaval comemorado anualmente no Brasil. A mulata da Globeleza é uma figura não apenas para ser pintada mas sentida como criatura como não esposável mas para ser usada para o sexo e nesse sentido, preenche o lugar recorrente do desejo imaginário escravocrata. Essa imagem da mulata hiper sexualizada demonstra também o poder de classificação dado pelo homem/senhor/ escravocrata de delimitar o espaço em que ela pode ser senhora em vez de escrava.

Com isso, ao longo da história, o termo mulata foi sendo construído de forma estereotipada, de acordo com a sensualidade e erotização em que as mulheres negras foram submetidas, adotando assim, um conceito de símbolo da sexualidade (LINHARES, 2015).

Na verdade, isso trata-se de um problema estrutural que surgiu na época escravagista, como dito anteriormente. Freyre em sua obra clássica sobre a sociedade escravocrata ressaltou a seguinte frase, que ficou muito conhecida entre todos: ”Branca para casar, mulata para f. e

negra para trabalhar”, onde é revelado o pensamento preconceituoso da sociedade vigente em relação mulher negra vista como um objeto sexual.

Segundo Figueiredo (2008, p. 246) ao discutir sobre o tema gênero e raça no Brasil, “a categoria mulato/mulata não é apenas uma categoria racial, ou uma categoria de cor como poderíamos ingenuamente imaginar, mas ela reflete uma construção social sobre raça no Brasil em que a cor e os fenótipos são associados aos comportamentos”. A autora destaca que as representações sobre as mulatas são diferentes daquelas construídas sobre os mulatos. No caso das mulatas, afirma que há uma associação direta com a sexualidade, já que não se nasce mulata, mas essa passagem ocorre na adolescência para a fase adulta. A interceptação do gênero e raça, sugere também que um outro elemento aparece com destaque, a questão do cabelo, pois o cabelo é o que marca a ‘raça’ e observar e o que mais significa para a mulher. Assim como a vivência do racismo é diferente para homens e mulheres. Enquanto para os homens, sobretudo os jovens negros, estão mais expostos á violência física institucionalizada ou não, as mulheres são mais vulneráveis a outro tipo de violência, não somente aquelas que dizem respeito às oportunidades de trabalho, mas aquelas relacionadas a representações sobre o corpo e à construção de padrões de beleza hegemônicos que desconsideram a existência da beleza negra.

De acordo com Stolke (2015) as mulheres negras durante a trajetória, viveram inúmeras situações, geralmente regulamentadas, aceitas pelo Estado e pela Igreja Católica naquela época. Situações essas de que envolvia inúmeras violências seja ela de teor físico, sexual, moral, mental, e outros. Diante desse contexto, o Estado, aliado a Igreja Católica foram os grandes “abre alas” para uma série de estereótipos surgidos em torno do “ser mulher negra”.

A exploração sexual é algo que se perdurou por muitos séculos. Os homens brancos sempre em sua maioria sujeitavam as escravas negras, a prática (escravidão) sexual. Com isso, o corpo da mulher era tratado como apenas um objeto de uso dos brancos. Essa era muitas vezes tratada como um animal, que precisava ser domado pelo seu “dono”.

As trajetórias de vida, das mulheres negras eram normalmente marcadas pela exploração e uso dos seus corpos. Essas nunca foram tratadas como seres humanos, que tivesse vontades, desejos e autonomia, domínio sobre seu próprio corpo, a fim de decidir o que fazer com ele. Pelo contrário, somente os homens detinham esse poder, os homens brancos.

Um fator bem importante de se destacar é que naqueles séculos haviam instituições grandes, que fortaleciam ainda mais essa ideia, e que geralmente acabavam por influenciar o povo: Estado, Igreja Católica e minimamente alguns cientistas, que afirmavam que o negro detinha características inferiores, que acabavam determinando um ser primata.

Trazendo esses aspectos ao nosso estudo, pode-se entender que a literatura produzida ao longo de todo o século XIX e XX produziram imagens sobre as mulheres negras e as mulatas como seres desqualificados, associadas a condições de inferioridade intelectual, e, sobretudo vinculada a hipersexualização de seus corpos. Elas são vistas como seres que não foram feitas para “pensar”, estudar. Pelo contrario, somente para atender as necessidades sexuais dos homens. E como adentrar no Sistema escolar carregado de estereótipos da sociedade? Como a escola vai lidar com essas imagens carregadas de estereótipos e preconceitos pejorativos com relação as mulheres negras? Como será que o impacto dos discursos racistas e preconceituosos da sociedade contra as mulheres negras influenciam em sua trajetória escolar? Que imagem de mulher negra e da mulata aparece nos conteúdos escolares? Como a escola trabalha com esses estereótipos nas relações cotidianas do espaço escolar? Como essas mulheres negras lidaram com esses estereótipos e preconceitos? Quais foram os preconceitos vivenciados por em suas trajetórias escolares?

6. CONCEITUANDO RAÇA E RACISMO

Para fins dessa pesquisa alguns conceitos precisam ser elucidados, entre esses o de raça, racismo, mulata. Sobre o conceito de raça, a definição de Segatto (2006, p. 9) é referencia, segundo ela: “raça é signo e seu único valor sociológico radica na sua capacidade de significar, ou seja, seu sentido depende de uma atribuição, de uma leitura socialmente compartilhada e de um contexto histórico e geográfico delimitado”.

Já Guimarães (2003), define raça com pelos três sentidos: dois analíticos e um nativo. Segundo esse autor, dos conceitos analíticos, um é reivindicado pela biologia genética e o outro pela sociologia. Como sentido nativo, raça refere-se a uma categoria que tem sentido no mundo prático, de modo que possui um significado histórico para um determinado grupo humano, em um determinado período.

De modo amplo, Guimarães (2003) ressalta que as raças, nada mais são que uma construção social, por isso tais precisam ser estudadas pelo ramo da Sociologia.

Ao traçar alguns aspectos históricos relevantes acerca do conceito de raça, Guimarães destaca algo muito relevante. De acordo com, ele em algum momento histórico, essa categoria passou a ser “cor”, e não “raça”.

Consoante a isso, Grossi et al (2015) também destaca que no princípio, a cor da pele do sujeito foi a principal variante de distinção de raças, dividindo assim a espécie em três conceitos de raças que acabaram por resistir até os nossos dias, como modelo de classificação: a raça branca, a raça negra e a raça amarela.

Munanga (2004, p.2) ressalta que o “conceito de negro e de branco tem um fundamento etno-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico”. Desse modo, não se trata do “nascer” de tal modo, mas de uma identidade, de como o sujeito se identifica dentro daquele grupo. O mesmo ressalta que existem pessoas negras que carregam consigo o ideal de branqueamento, bem como também há inúmeras pessoas brancas que se identificam como negro. Esse autor discute sobre a força da ideologia hegemônica que se impõe e acaba dificultando o processo de se reconhecer e se autoafirmar como negro no país.

De forma geral, o racismo é um dos grandes problemas que tem se mostrado atualmente. Apesar de não ser algo tão antigo assim, o racismo trata-se de algo maléfico, que acabam destruindo sujeitos, trazendo a inferioridade a muitos. Sant’ana (2005, p. 42) ressalta que o racismo este se configura como ”um fruto de um longo processo de amadurecimento, objetivando usar a mão-de-obra barata através da exploração dos povos colonizados”.

De acordo, com ele, “[...] O racismo é a pior forma de discriminação porque o discriminado não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu [...] (SANT’ANA, 2005, p. 41)”. O racismo é estruturante das relações sociais na sociedade capitalista. Racismo é uma forma de classificação, hierarquizada que define quem é superior e quem é inferior em nossa sociedade.

7. BREVE RESUMO DA DESIGUALDADE DAS MULHERES NEGRAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Sabe-se que desde o período de colonização do Brasil, os negros sempre foram privados do âmbito escolar. A escravidão era um marcador social na vida desses sujeitos.

A verdade é que a escola era um privilégio apenas de alguns: os homens brancos da elite, da nobreza. E se a entrada dos homens negros já era um grande desafio, imaginemos então como se daria o processo de escolarização das mulheres negras na história do Brasil.

A história da educação formal no Brasil teve início no ano de 1549, ainda no período colonial, com a chegada dos jesuítas no país, que desde então passaram a consolidar o ensino público, através da Companhia de Jesus. O objetivo dessa Companhia era catequizar os índios, convertê-los, ou seja, tratava-se de uma ordem religiosa. O ensino pautava-se em aprendizagens profissionais, como pesca e atividades agrícolas, bem como também o ensino da língua portuguesa, para a leitura de trechos bíblicos (OLIVEIRA, 2011).

Nesse período, a educação da mulher era no lar, voltada especificamente para as atividades domésticas, aos cuidados da casa e dos filhos. Tomé et al (2012) ressalta que no período do Brasil Colônia “[...] a instrução era reservada aos filhos homens dos indígenas e dos colonos. Esses últimos cuidavam dos negócios do pai, ou entravam para a Companhia de Jesus. Já a mulheres, brancas, ricas ou pobres, negras escravas e as indígenas não tenham acesso a leitura e a escrita“. Com isso, as mulheres não tiveram acesso a escolarização no período colonial, restringindo-se apenas a trabalhos domésticos e de ordem religiosa, tais como: cantos e orações.

Foi somente com as reformas pombalinas, que essa situação foi se modificando aos poucos. Segundo Stamatto (2002), com as reformas pombalinas no ano de 1758 houve:

[...] a abertura e instalação de escolas régias para o público feminino, embora o ensino fosse feito separadamente por sexo, ou seja, somente professoras mulheres podiam dar aulas às meninas e professores homens aos meninos e nunca as meninas estariam ao lado dos meninos na mesma sala de aula (STAMATTO, 2002, p. 3).

Mas e a educação para os negros?

Somente anos mais tarde, é que vamos encontrar registros de experiências escolares negras. De acordo com Cruz (2005), há registros bem vagos de que no ano de 1860 foi criado o primeiro colégio feminino (Colégio Perseverança), em Campinas. E, em 1902, ocorreu a fundação do Colégio São Benedito, a fim de alfabetizar os filhos dos homens de cor da cidade.

O que se percebe é que por anos o público feminino, negro e pobre foi privado do processo de escolarização. De acordo com Faria Filho (2000), ainda no século XX, o Estado

não tinha uma grande preocupação em colocar um número muito grande de sujeitos das camadas populares na escola, até porque o número de escolas existentes não atendia a demanda. Para se ter uma ideia o processo de escolarização das camadas populares só se iniciou com a propagação da ideia de que o povo precisava ser instruído para ter o poder de escolha.

Sobre isso Faria Filho (2000) descreveu o seguinte,

A instrução possibilitaria arregimentar o povo para um projeto de país independente, criando também as condições para uma participação controlada na definição dos destinos do país [...]. Nessa perspectiva, a instrução como um mecanismo de governo permitiria não apenas indicar os melhores caminhos a serem trilhados por um povo livre, mas também evitaria que esse mesmo povo se desviasse do caminho traçado (FARIA FILHO, 2000, p. 137).

Diante disso, percebemos que o cenário do processo de escolarização para as mulheres negras no país foi travado com grandes lutas e embates, a fim de conquistar o direito ao acesso a escola, bem como a redemocratização escolar. Foram anos de desigualdade, de verdadeiros retrocessos.

Desde o ano de 2004, o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) vem criando estudos, pesquisas lançado em várias edições, a fim de apontar as desigualdades que se manifestam entre negros e brancos, homens e mulheres nos mais diferentes espaços, bem como destacando também a situação das mulheres negras dentro desse sistema excludente e racista na qual vivemos.

É importante ressaltar que o quadro de desigualdades de gênero e raça no nosso país, constitui-se como um grande agravante para a criação de desigualdades sociais dentro de nosso sistema.

E um dos espaços que mais tem se acentuado essas desigualdades de gênero e raça, são os espaços escolares. De acordo com o Ipea, 2011:

Ao longo dos anos, identificam-se avanços graduais nos números da educação no país; contudo, observa-se a manutenção das desigualdades que têm, historicamente, limitado o acesso, a progressão e as oportunidades, principalmente, da população negra, de nordestinos e da população rural na educação [...] (IPEA, 2011, p. 21).

O Ipea também traz alguns quadros importantes nas quais nos permiti fazer uma análise acerca das desigualdades encontradas em nosso sistema brasileiro.

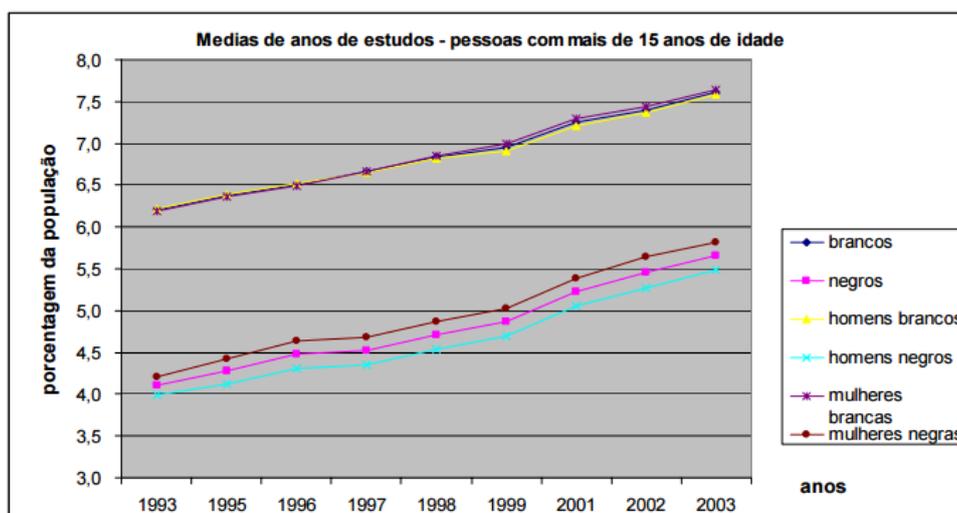


Gráfico 10

Segundo Cruz (2005, p. 30):

Apesar de a história da educação brasileira ter funcionado como um dos veículos de continuísmo da reprodução do tratamento desigual relegado aos negros na sociedade brasileira, não se pode negar que existe uma história da educação e da escolarização das camadas afro-brasileiras [...].

Contudo, percebe-se que avançamos. Mas, será que só isso basta? Quando nos referimos que houve acesso a escola, de que tipo estamos nos referindo? Será que houve um acesso a educação de qualidade para as mulheres negras? A luta era apenas para o acesso?

Enfim, nesse trabalho retrataremos as histórias de vidas de duas mulheres negras que tiveram acesso a educação escolar, bem como deram um significado a este espaço, revelando-nos aspectos diversos durante suas trajetórias escolares. Nessas narrativas encontraremos suas perspectivas, expectativas em relação a escolas, bem como também os fatores influenciadores dentro desse processo de escolarização.

8. NARRATIVAS E MEMÓRIAS

Só quem me conhece a fundo sabe. É que sou o tipo de gente que todo mundo pensa que conhece. Mas se enganam feio. Pouquíssima gente me desvenda. Mostro só o que quero. Não por maldade, mas por proteção.

Clarissa Correa

8.1 NARRATIVAS, MEMÓRIAS E PERCURSOS DE DANDARA¹

Nascida no dia 26 de outubro de 1978, de parto cesárea, na cidade de São José do Rio Preto - SP, Dandara narra que recebeu esse nome por influência da mãe. A mesma conta que a sua mãe adorava uma atriz de novela chamada Dandara, e assim que descobriu que estava grávida de uma menina, decidiu colocar esse nome na mesma.

[...] A minha mãe ia fazer uma laqueadura. Dai quando chegou lá, que o médico foi laquear ela, ela descobriu que estava grávida de mim. Então depois da última filha dela, quatorze anos depois, veio eu: o xodozinho [...]

Advinda de uma família extensa e humilde, Dandara conta que durante sua trajetória existencial, não teve um lugar fixo de moradia. Filha caçula de seu João e Dona Maria², Dandara morou até os 3 anos de idade com os pais e com seus seis irmãos. No entanto, aos 4 anos de idade, seus pais decidem se separar, e assim, sua mãe segue viagem até a cidade de Américo dos Campos – SP, onde foi morar com a sua avó materna, seus 6 irmãos. Quando completou 6 anos de idade, conta que a sua mãe decide voltar para São José do Rio Preto – SP, juntamente com seus irmãos. A mesma conta ainda que depois dessa volta, morou por mais dois anos com sua mãe e seus irmãos, revelando outra faceta a sua história de vida.

Com 8 anos fui morar com meu pai e a esposa dele, porque eu ficava muito na rua. [...] Foi um consenso entre os dois. Minha mãe trabalhava fora, e aí passava o dia inteiro fora, e lá achava que eu estava dentro de casa e não estava. Estava na rua brincando, né. Aí meu pai vinha do serviço, passava por nós e me via na rua. E aí eu chegava em cima da hora da minha mãe chegar, e às vezes fazia as coisas, e às vezes não.

A partir dos 8 anos, a passa a a viver com o seu pai, onde saiu apenas quando se casou. Todos os finais de semana eram todos reservados para conviver com a sua mãe e a seus irmãos.

Sobre sua infância, Dandara conta que esta fase foi muito boa, cercada por muitos colegas. Descreve que gostava desta etapa da vida, e que assim era feliz.

¹ Os nomes das narradoras foram substituídos por nomes relacionados a duas mulheres negras extremamente importantes na história do Brasil: Dandara foi uma figura importante na luta pela liberdade do povo negro e Tereza de Benguela tornou-se uma grande liderança quilombola na grande luta da população negra contra a escravidão.

² Nomes fictícios.

Foi muito boa, muito legal. Brincando no meio da rua, andando de bicicleta, indo pra fazenda, subindo no pé de jabuticaba, mexerica, morando na casa da minha vó. Foi bel legal essa fase, tranquila.

Sobre as brincadeiras, Dandara relata que brincava muito. Suas brincadeiras preferidas eram: jogar betcha (taco) vôlei e biroca (bolinha de gudes).

Dandara conta que sua relação com sua família era baseada no diálogo, por isso era considerada por ela como ótima. Rodeada de amigos, ela revela que sempre manteve uma boa relação de amizade com todos.

No que concerne aos sonhos de infância, Dandara descreve que sempre foi uma sonhadora. “*Eu sempre sonhei em ser professora de inglês e mais tarde ser tradutora*”.

Se pensarmos na ótica dos sonhos como perspectivas de projetos para o futuro, de realização de desejos, notamos assim que Dandara viveu o presente, projetando o seu futuro.

Quanto aos medos, Dandara narra que quando criança tinha muito medo de apanhar de vara ou com a “mangueirinha” do chuveiro. No entanto, esta descreve um medo maior ainda marcado em sua infância: o medo da Cuca (personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo).

[...] Eu tinha medo da Cuca, por que a minha irmã me assustava demais, a Cuca do Sítio do Pica Pau Amarelo. Quando eu ia pra casa da minha madrinha, tinha que passar por um caminho de terra. Ai ela falava: Vou te levar. Ai ela ia na frente, de repente, ela escondia e vinha: Cuidado com a cuca, que a Cuca te pega,. E eu corria dela [...]

Dandara relata que adorava assistir a série do Sítio do Pica Pau Amarelo. Conta ela que esse era o seu programa favorito, na qual assistia todos os dias, sempre acompanhado de uma boa gemada, que uma das suas irmãs fazia. Para ela, os personagens negros tinham várias representações: o saci era aquele que colocava medo em tudo e em todos; a Tia Anastácia era a mulher que cozinhava, fazendo comida boa; e o Tio Barnabé o homem amigo de todos.

Em relação a escola, esta conta que frequentou o sistema de ensino desde os seus 6 anos de idade até os 13 anos, quando terminou o Ensino Médio. Para ela a escola era um ambiente muito bom de estudar, por causa de estrutura física da instituição e de sua metodologia de trabalho (rigidez). Nesse momento, Dandara descreve que suas expectativas com relação à essa escola era sempre de “passar de ano”, pois a mesma sempre se autodeclarou como uma boa aluna, inteligente, estudiosa, atenciosa. Comenta ainda sobre a boa relação que mantinha com todos os seus professores, com exceção da professora de Artes,

pois segunda ela explica devia ao fato de não gostar muito da disciplina. Lembra ainda que sempre manteve uma relação muito amigável com seus colegas de classe, onde todos ajudavam uns aos outros durante as tarefas, trabalhos e até mesmo nas avaliações.

As suas lembranças descrevem o espaço escolar como algo muito positivo e repleto de relações de reciprocidade, expressos pela existência de trocas como “passar cola” entre os colegas.

Quando questionada sobre o que gostava e o que não gostava na escola, Dandara enfatiza que gostava muito de estudar. “*A escola era bem boa, a diretora era bem rígida, não gostava de nada errado, tinha bastante alunos, tinha várias atividades. A gente gostava muito da merenda que era boa*”. Sobre o que mais gostava na escola, ela revela que o que mais lhe atraía a este ambiente eram as aulas de Educação Física, de Inglês e a merenda escolar. E o que menos gostava eram as reposições de aulas aos sábados, por conta das greves frequentes.

Sobre as atividades que deixaram marcas em sua vida escolar foi o falar em inglês, como relata:

As atividades que mais me marcaram foi uma atividade que a professora da 5ª série de Inglês fez. Ela fez uma festa, onde a gente tinha que falar Inglês, levar as coisas e tinha que falar inglês e conversar com as pessoas e mostrar as comidas dos Estados Unidos essas coisas assim [...]

No entanto, Dandara também descreve atividades que ela não apreciava realizar na escola, como por exemplo: aquelas relacionadas nas disciplinas de Geografia e Artes. A Educação Física, como de costume, era a disciplina que Dandara mais amava na escola, perdendo apenas para Inglês, pela qual sempre foi apaixonada.

Essas lembranças acerca da escola e dos professores descritos acima são referentes aos seus últimos anos na escola, com exceção de sua lembrança acerca da atividade de Inglês na quinta série do Ensino Fundamental. Dandara conta ao longo da narração que estudou em 4 instituições³ diferentes: Escola Sol da Manhã (Pré Escola), Escola Luz da Vida (Ensino Fundamental), Escola Soldadinho de Chumbo (Ensino Fundamental) e Escola Por um mundo melhor (Ensino Médio). Sobre as instituições da Pré Escola e do Ensino Fundamental, bem como seus professores, Dandara conta não ter lembranças muito claras destas.

³ Nomes de escolas fictícios.

Quando questionada acerca de sua adolescência, Dandara é muito clara e objetiva. “Ah, foi muito boa, aproveitei bem direitinho”. Esta declara que não foi de ter muitos namorados. Pelo contrário, a mesma quase não namorou. Segundo ela, seu foco era outro: estudar e trabalhar.

Eu comecei a trabalhar com 12 anos de doméstica. E aí tinha que trabalhar, e depois ir pra escola a noite. Antes disso, eu vendia salgado pra minha mãe, esposa do meu pai {faz referência a sua madrasta}, eu e os filhos dela, era bem legal. A gente sai pra vender, aí se sobrava um ou dois, a gente sentava e comia, antes de chegar em casa.

Dandara começou a trabalhar muito cedo, ainda na adolescência, conciliando os estudos com o trabalho. Essa rotina iniciou na 6ª série, quando começou trabalhar no período diurno e estudar a noite. Isso foi possível também porque, segundo ela, a escola ficava muito próxima a sua residência.

A questão é que o Ensino Médio ficou muito marcado na vida de Dandara, seja porque esta foi a última lembrança do sistema educacional em sua trajetória, já que a mesma não retornou aos estudos, seja porque este deixa para trás o seu grande sonho: o de ser professora de Inglês. Na verdade, gostaria de ter sido professora de Inglês e tradutora.

Esse sonho ficou para trás porque o curso de Letras ocorria em tempo integral na universidade da sua cidade e, como não havia como manter seus estudos sem trabalhar, não houve possibilidade de acesso ao ensino superior. Nem mesmo seu pai tinha condições financeiras de manter os estudos da filha. Essa difícil situação, deixou-lhe um sentimento de muita frustração e tristeza, pois somente o curso de letras lhe interessava realmente. No entanto, sua família, que reconhecia sua potencialidade e competência para os estudos, sempre lhe incentivou buscar outras possibilidades, outros cursos, mas que ela não se interessava. Sobre isso Dandara manifesta arrependimento: “Ah foi bem chato, é uma das coisas que me arrependo muito: de não ter lutado pelo que eu queria”.

Fora do âmbito escolar, Dandara narra que por um tempo se dedicou ao trabalho no período matutino, e a realização de vários cursos profissionalizantes como o de Telemarketing, além de cursos de música, no período vespertino. Conta ela, que nesse tempo, havia uma professora do curso de Telemarketing, que a convidou para trabalhar em uma escola de informática. A mesma aceitou imediatamente, e assim começou outra rotina muito intensa de trabalho em sua vida: “[...] Então das 8:00 hrs até as 13:30 hrs trabalhava de

doméstica, porque eu trabalhei acho que uns 9 anos. Ai, 14:30 hrs eu tinha que estar na Microlins, ai eu ia até as 20:00 hrs da noite. Ai depois voltava pra casa, e começava tudo de novo”.

Essa intensa rotina de trabalho do qual Dandara relata não é associada por ela, em nenhum momento, com a falta de progressão nos estudos. Para ela, o fato de não continuar estudando não lhe trouxe prejuízo nem mesmo para o trabalho que exerceu. Porém, confessa que sempre buscou áreas de trabalho com exigência de apenas o Ensino Médio. Essa avaliação se estende para a sua vida pessoal. No entanto, uma avaliação desse percurso ainda prevalece com intensidade o fato de não ter ingressado no ensino superior, como expressa: *”Só me arrependo de não ter feito a faculdade que eu queria”.*

Essa avaliação expressa na verdade, que quando Dandara percebeu que não conseguiria realizar o sonho de ser professora, ou acessar o ensino superior, a mesma se resignou a atividades que exigiam apenas o Ensino Médio como critério de contratação.

Quando indagada sobre o que gostaria de ter vivido com mais intensidade em sua vida, Dandara enfatiza que viveu tudo com muita intensidade.

Ao relatar a importância da Educação para todos, Dandara diz o seguinte: *“A educação hoje em dia é tudo. Se você não tiver estudo você não tem trabalho. Até, agora, até nesses dias, se você não tiver o primário, você não consegue nem trabalhar de lixeiro. Então, a educação hoje em dia é tudo”.*

Para ela estudar é algo importante e valorizado, pois em seu entendimento, proporciona a abertura de novos horizontes, novas possibilidades de vida, permite ampliar a imaginação, bem como aumentar a capacidade de raciocínio, de pensamento e reflexão sobre como você age sobre o mundo.

Sobre o tema racismo, Dandara demonstrou desconhecimento sobre isso, ou até de identificar episódios onde houve a manifestação de preconceitos presentes em sua trajetória de vida. Segundo sua avaliação, práticas de racismos nunca existiu em sua vida pessoal, profissional, escolar ou social. Além disso, enfatiza que esse tema nunca foi abordado em casa pela sua família e que este é um tema atual, que está aparecendo com mais frequência agora: *“Não, por que não tinha essas coisas. Pelo menos lá em Rio Preto não tinha essas coisas. Ninguém da família vivia essas coisas como está aparecendo hoje. [...] Ninguém lá em casa sofreu essas coisas de racismo. Pelo menos que eu saiba não”.*

Dandara aprofunda sua avaliação sobre ao revelar que tratava de um tema pouco falado em todos os espaços que convivia, até mesmo na nas escolas por onde estudou, não era

um tema discutido pelos professores, nem vistos em livros didáticos, muito menos identificado pelos colegas da escola.

Sobre o seu envolvimento com algum tipo de movimento social participação em grupos de apoio, Ongs, Dandara enfatiza que nunca se envolveu com estas instituições, pois para ela não houve a necessidade, bem como não lhe sobrava tempo para a frequência nesses lugares. No entanto, Dandara faz parte de um grupo de pessoas religiosas, que vivem em função de buscar a paz, a alegria, o amor. Ela participa semanalmente das reuniões de uma Igreja Evangélica, que fica perto de sua casa, onde participa ativamente como musicista. A isso Dandara atribui todo o significado de sua existência. .

Enfim, Dandara deixa muito presente em sua narrativa o aspecto sereno da vida. A mesma demonstrou ser uma mulher muito determinada , trabalhadora, esforçada e que sabe o que quer da vida. Apesar de já conhecê-la de outros espaços de convívios, o que me deixou, inicialmente, à vontade para as entrevistas da pesquisa, Dandara sempre se manteve tímida e muito reservada com relação alguns temas da pesquisa.

As impressões deixadas pela mesma vão muito além de uma mulher tímida. Dandara deixa evidente a marca de uma mulher que apesar de não ter o seu grande sonho realizado, jamais desistiu deste. Por mais que Dandara relata não ser vítima do racismo em sua narração da trajetória de vida, o que se percebe é que ele não deixou de existir de forma velada, o que fez com que exatamente ela não conseguisse realizar o seu projeto de vida que era ser professora.

Apesar de Dandara não ser ativista, esta lutou ao seu modo numa sociedade que não favorece o negro e o pobre. E é justamente nessa luta, que a história dessa Dandara que acabamos de narrar, se assemelha a história da Dandara dos Palmares, a companheira de Zumbi o grande líder de Palmares.

Dandara dos Palmares em sua trajetória de vida sempre lutou contra o sistema escravocrata do século XVII, tornou-se uma liderança feminina, uma guerreira. Há poucas referências de estudo sobre esta grande mulher. No entanto, sua identidade foi marcada pelas várias lutas que precisou travar contra um sistema escravocrata. de forma que os mantinham sob o domínio dos brancos, sendo sujeitos a diversas violências, seja ela de teor verbal, física, moral, sexual, etc (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2016). Enfim, há inúmeras Dandaras espalhadas pela sociedade, que lutam diariamente contra um sistema racista, que

aprisiona os “diferentes”, seja ele, por condição de classe, raça, gênero, crença, costumes, cultura, idade, e outros.

8.2 NARRATIVAS, MEMÓRIAS E PERCURSOS DE TEREZA DE BENGUELA⁴

No dia 11 de agosto de 1956, nascia na pequena cidade de Nova Soure do Estado da Bahia, a menina Tereza de Benguela. Passou a ser chamada por esse nome por influência de seu pai e de seu avô paterno, que sempre escolhiam o nome de todos da família, de acordo com o santo do dia. Ao relembrar sobre esse dia, Tereza narra que era muito comum todos da família, possuírem o nome de um santo. Sobre isso ela declara:

Eu nasci normal com parteira [...] Na real, a gente, todos era assim: era escolhido o nome pelo dia do santo. [...] Eu nasci no dia da Nossa Senhora da Boa Morte e ai minha não quis por esse nome. Ai teve um pau danado. Ai teve meu avô que escolheu meu nome de Tereza da Boa Morte. Ai meu avo foi la no cartório, brigou de novo e pos o meu nome de Tereza. Ai fiquei Tereza de Benguela.

A terceira filha mulher, de vinte irmãos de vínculo materno e paterno. Tereza descreve que aos 6 anos de idade saiu com sua família do estado da Bahia e migraram para a Grande São Paulo. Lembra com muita tristeza, as razões pelas quais essa migração ocorreu, tinha que fugir da ameaça da fome diante da grande seca na década de 1960 que prejudicou o sustento de toda a família. .

Sobre sua infância, Tereza identifica que esse período está marcado por dois momentos, um quando viveu no sitio localizado na cidade de Nova Soure e outro na cidade de São Paulo. De acordo com ela, no sitio em que viveu sua infância proporcionou-lhe muitos momentos espetaculares, que a fará lembrar por toda a vida. Nele, ela sempre andava a cavalo e brincava muito com seus irmãos. Já na cidade de São Paulo, a infância foi mais restrita segundo ela, justamente por ser uma cidade maior. As brincadeiras nesses lugares eram diversas, como descreve: “A gente brincava muito de corda, cabra cega, amarelinha, bolinha de gude, esconde-esconde. A gente gostava muito de brincar de roda, brincadeira de roda”.

⁴ Os nomes das narradoras tratam-se de nome fictícios, fazendo menção a duas mulheres negras extremamente importantes na historia do Brasil, Dandara foi uma figura importante na luta pela liberdade do povo negro. Tereza de Benguela tornou-se uma grande liderança quilombola na grande luta da população negra contra a escravidão.

Tereza conta que sempre teve poucos amigos, pois fazia questão de selecionar muito bem as suas amigadas. Foram poucas as amiguinhas de rua e na escola com quem conviveu durante a sua infância e sempre procurou manter uma relação amigável apenas com algumas crianças.

Acerca dos sonhos, Tereza ressalta, que desde muito pequena, sempre tivera um sonho: o de ser advogada, conforme relata: *“Se eu não tivesse me casado cedo, eu seria advogada. Me tornei costureira. Mas meu sonho era ser advogada. Só não fui por burrice. E até porque não tive nem condições de estudar, porque eu tive de trabalhar”*.

Nesse comentário, Tereza identifica dois fatores determinantes sobre sua trajetória de vida e o abandono dos estudos: a questão financeira, poucas condições de manter os estudos e, o fato de ter se casado muito cedo. Mas, precisamos destacar que vivemos em uma sociedade extremamente capitalista, elitista e racista que faz com que a vítima se culpabilize, de modo que enxergue que o seu fracasso é proveniente de suas escolhas, assim escondendo o verdadeiro vilão, que é esse sistema que reproduz as relações sociais de poder, onde o pobre, o negro, a mulher, o índio, o deficiente, e outros que são diferentes, não tem voz diante da sociedade, ou seja, sua condição, seu futuro está atrelado a terminar na penúria extrema.

Quanto aos medos, Tereza relata apenas um: de passar necessidade, de passar fome. Para ela, o momento em que seu pai saiu da cidade de Nova Soure rumo a São Paulo. Esse episódio ficou marcado em sua mente. Segundo ela, toda sua família perdera tudo naquela grande seca da década de 1960, não lhes deixando outra opção a não ser se mudar para São Paulo, para não passar necessidade. Com isso, esse medo sempre a acompanhou, tornando-se um episódio do qual nunca mais gostaria de vivenciar em sua vida. .

Sobre a adolescência, Tereza descreve que morou com os pais e os irmãos até os nove anos de idade, quando esta então foi “adotada” pelos patrões de seu pai, um casal italiano bem sucedido financeiramente. Sobre isso Tereza relata:

[...] Eles {patrões de seu pai} gostavam muito de mim. Eu tinha essa minha irmã mais velha, que brigava muito comigo, porque eu ganhava muito presente. Eu era assim dada. Eu era uma criança assim alegre. Todo mundo me presenteava e ela sempre foi fechada. E uma vez, eu pequena ela me atacou com uma tesoura pra me matar e acertou minha perna. E aí meu pai pegou e falou assim: essas duas vão se matar [...] Então pra mim não fugir de casa, meus patrões { vieram a se tornar patrões dela} disseram: Não a gente quer ela, quer ela.

Apesar de triste com a situação, o pai de Tereza, decidiu deixa-la morar com esse casal em outro bairro, como uma tentativa de melhores chances de vida dela. Esse casal tinha apenas um filho e somente muito tempo depois tiveram uma filha.

Em relação ao trabalho, Tereza relata que esse casal que havia lhe adotado, pagava-lhe uma espécie de salário para a mesma, a fim de que esta fizesse algumas coisas básicas, como ajudar a organizar a casa. E é por isso que ao narrar a sua historia Tereza sempre se refere a esse casal como seus patrões. Conta ela que trabalhou lá por mais ou menos 7 anos, desde os seus nove anos de idade quando foi morar com estes onde começou a exercer atividades remunerativas. Com isso, Tereza começa a desenhar sua história de luta e esforço.

Tereza relata que permaneceu com esse casal, dos nove aos dezesseis anos de idade, Pois, quando o casal recebe uma proposta de ir residir nos Estados Unidos, o seu pai não permite que ela acompanhe o casal, retornando assim para a casa dos seus pais, onde permaneceu por mais alguns meses apenas, antes de se casar.

Tereza relembra que enquanto viveu com esse casal, vivenciou um período cercado por inúmeras coisas que definiu como vislumbrantes. De acordo com ela, participou de aulas de etiquetas, tinha motorista particular, frequentava teatros, museus, teatro, apresentação de opera e outros, atividades que jamais poderiam ser realizadas enquanto estava morando com seus pais, devido a situação financeira que estes possuíam. A mesma ainda ressalta que apesar de amar muito seus pais e irmãos, os anos que vivera junto com a família adotiva foram os melhores, pois sempre teve o “melhor” em sua mesa, ou seja, nunca faltou comida.

Sobre seu casamento, ela relata que depois que casou a sua vida teve uma reviravolta. Conta ela, que quando seus patrões foram embora, os mesmos a deixaram uma “pequena herança” com um valor significativo, na qual mesma comprou uma pequena casa em um bairro bem simples na cidade e guardando outra parte desse recurso. No entanto, seu marido tinha era alcoólico. De acordo com esta, ele frequentava uma escola de samba da cidade, e gastava todo o seu dinheiro com bebidas alcoólicas, e assim a deixando em uma situação bem precária de se viver. Para ela, esse momento foi um declínio total de sua vida.

Nessa época ainda, Tereza descreve que entrou em um desespero maior ainda, quando perdeu três filhos aleatoriamente (um de pneumonia com um ano de idade; um de acidente de carro ainda na barriga; um ainda na barriga de um susto grande que levou, quando um caminhon entrou em sua casa). Para ela, o mundo havia desabado em suas costas. Desse modo, então decidiu fazer um tratamento psicológico na tentativa de se reerguer novamente. E

foi, o que aconteceu. Tereza então depois desses episódios, finalmente teve três filhas na qual a fez viver e sonhar novamente.

Sobre a sua educação formal, Tereza descreve que frequentou a escola desde criança. Conta que quando morava no sítio em Nova Soure, as aulas eram dadas em casa. *“Sempre ia uma professora em nossa casa dar aula para nós, enquanto não íamos para escola, por causa da idade. Ela ensinava o ABCD”*. Já quando se mudou para São Paulo, a mesma ressalta que começou a frequentar o sistema escolar. Segundo a mesma, a tarefa era conciliar trabalho e escola, já que havia a necessidade de trabalhar para sua emancipação.

Tereza relatou ainda que reprovou apenas uma vez no 2º ano do Ensino Fundamental, na disciplina de Matemática. Desse modo, ressalta que nunca gostou dessa disciplina, pois sempre lhe causou pavor e medo da matéria. Enfatiza que chegou a cursar o Mobral, antes de parar de estudar.

Quanto as expectativas com relação ao futuro, ela descreve que esse processo de educação é de suma importância para todo e qualquer sujeito, mas principalmente para os negros, as quais sofrem inúmeras dificuldades na vida por conta de sua raça. *“Meu pai sempre falava: Filhos estudem, pois enquanto tem três vagas para médico branco, tem uma pra preto. E olha lá, que mesmo assim, você não consegue entrar”*.

Esse relato demonstra o quanto a noção da existência de preconceito racial estava presente no seu espaço familiar, enquanto um aspecto que definidores do acesso ao mercado de trabalho.

Com relação ao processo de educação formal, Tereza responde de forma a destacar a sua capacidade e disciplina com os estudos: *“Nunca tive dificuldade não. Sempre fui educada, estudiosa, tirava notas boas”*. Relata ainda, que sempre limpava a sala de aula, fazendo com que sua relação com os professores fosse boa. Com os colegas, a mesma descreve que era indiferente, se reportando a apenas ter uma boa convivência, nada mais do que isso. Não havia relações de amizade ou maior afetividade entre as colegas.

Sobre as disciplinas que mais apreciava na escola, Tereza destaca a Geografia e Biologia. No entanto, detestava Matemática. Conta ela, que não conseguia entender essa disciplina, revelando que todo o professores dessa disciplina durante sua trajetória escolar, não conseguiram explicar a lógica, a essência dessa disciplina para a mesma, fazendo com que houvesse repúdio. As aulas de Educação Física e de Artes eram pouco atraente para a mesma, o que fazia a mesma não participar ativamente.

Aos 18 anos Tereza interrompe os estudos por questões de saúde e por engravidar. “Sempre fui muito, muito doente. Tinha bronquite. E São Paulo, terra da garoa chovia muito, então não dava mais pra estudar”. A mesma parou quando estava concluindo o Ensino Fundamental, o 8º ano.

Foi somente aos trinta e oito anos de idade que Tereza conseguiu retomar os estudos e, através do Ensino Supletivo dentro do Curso de Madureza. Porém, não concluiu o Ensino Médio. Nesse momento, outros motivos os afastam dos estudos. A gravidez de sua filha caçula, deixando-a sem condições de continuar a estudar. Essa situação para Tereza é avaliada como muito frustrante como comenta:

Frustração, muita frustração [...] Eu queria ter continuado a estudar, mas não tinha como, não tinha ajuda, não tinha participação do meu marido pra me ajudar a continuar estudando. Não tinha condições financeiras mais pra pagar uma empregada pra cuidar das minhas filhas.

Quando questionada acerca do tempo que viveu fora do ambiente escolar, Tereza descreve que fez alguns cursos profissionalizantes na tentativa de suprir a falta que a escola lhe fazia, bem como também para o aperfeiçoamento para uma possível disputa no mercado de trabalho. Ela trabalhou como cuidadora, produziu bijuterias e fez cursos de corte e costura que a tornou costureira profissional. Nesses cursos, reconhecia as dificuldades que detinha no processo de leitura, e do quanto esse processo era decorrente dos poucos anos de escolarização.

Sobre o que gostaria de ter vivido com mais intensidade, ela dá ênfase a questão da educação. Para ela a educação é tudo: “Sem ela a gente não tem como sobreviver nesse mundo. Se você não tem educação falta tudo. Você não sabe como se locomover. Pra mim é tudo [...]”. Desse modo, percebe-se que estudar para Tereza está diretamente atrelado a possibilidade de melhorar as condições de vida. E foi com essa consciência que ela investiu todos os seus esforços para que as filhas não percorressem o mesmo caminho que o dela. Trabalhou no sentido de garantir a formação educacional de suas três filhas. “Minhas filhas são todas formadas, eu me matei para dar isso a ela. Sem estudo você não é nada”.

Sobre o racismo na escola, ela conta que havia assim certa “diferença” no tratamento, enquanto criança. Segundo ela, era um tal de “neguinha do cabelo duro” pra cá, “qual é o pente que te penteia” pra lá, essas situações constrangedoras eram recorrentes no espaço escolar. No entanto, esses episódios, segundo ela, nunca chegavam ao conhecimento dos

professores para que fossem tratados e discutidos. Segundo sua avaliação, esse era um assunto “tabu” nos currículos adotados pela escola. Mas ela sempre soube que isso podia ocorrer, pois seu pai a alertava sobre os perigos camuflados em torno do ser negro em uma sociedade excludente. Mais do que isso, o pai de Tereza sempre a ensinou que todos deveriam primeiro ter a sua casa, pois pessoa de cor tinha muita dificuldade na vida. E, a casa desse modo, tornava-se algo concreto na qual os mesmos poderiam ter uma segurança, pois na visão do pai da Tereza a casa era algo que a ferrugem não podia consumir. Percebe-se que para o pai de Tereza ter uma casa, representava ter um porto seguro, na qual lhes assegurava uma espécie de segurança. Como este acreditava que o negro sempre passou e passará por dificuldades na vida, assim o mesmo determinou que seus filhos alcançassem esse “porto seguro”.

Por fim, Tereza relata que participou durante dez anos de uma ONG (Organização Não Governamental) chamada: ONG de Nazaré, da cidade de São Paulo. Trata-se de uma Organização com viés cristão, objetivo de ajudar a comunidade local com varias iniciativas. A mesma só deixou de participar, pois mudou da cidade onde acontecia essa iniciativa. Hoje, Tereza faz parte de um grupo de evangélicos, a qual participa dos cultos com sua família semanalmente.

A história de vida de Tereza nos remete a força, garra e determinação. Tereza viúva, mãe de quatro filhas, na qual sempre lutou pelos seus ideais. Apesar de ter vivido os preconceitos por parte da sociedade, sempre se manteve firme e pronta a enfrenta-lo. Apesar de ser proveniente de uma camada popular, viveu experiências marcantes com uma família bem sucedida.

Em contraste com a historia da verdadeira Tereza de Benguela que foi uma grande líder que lutou contra a escravidão no século XVIII, contra inúmeras injustiças feitas em oposição aos negros, demonstrando o caráter racista do sistema atuante na época, essa Tereza desse estudo também consegue perceber o grande leque aberto na sociedade em que vivemos, na qual o racismo é operante e gritante.

De acordo com Santos (2008), Tereza de Benguela foi uma grande líder feminina em quilombos no Brasil. Esta sempre lutou contra a escravidão no país. Sua missão pautou-se em liderar um grupo de negros, após a morte do seu marido, contra a escravidão que vigorava na época na região do atual estado do Mato Grosso. Ainda segundo Santos (2008), Tereza preferiu lutar contra os opressores, os colonizadores, foi presa e decapitada.

Diante disso, percebe que vários são os percalços vividos por essas mulheres ao longo de suas trajetórias. Porém estas, sempre optaram por lutar e não recuar jamais, para que um dia possamos alcançar uma sociedade mais humana e igualitária, no sentido em que o branco e o negro, o homem e a mulher, o pobre e o rico sejam tratados com equidade e respeito.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS DANDARA E TEREZA: ONTEM E HOJE PERCURSOS ESCOLARES REINCIDENTES

Ao longo do trabalho, ouvimos histórias que trazem marcas, sentimentos, projetos, sonhos entre outros, que marcaram a existência dessas mulheres negras dentro da sociedade.

Tratam-se de experiências vividas pelas mesmas durante o percurso escolar e que revelaram a identidade de cada uma destas, ressaltando algumas fases marcantes de suas vidas, bem como as dificuldades que tiveram e que lhe impediram muitas das vezes de seguir os seus ideias, sonhos.

As histórias de Dandara e Tereza de Benguela se assemelham em alguns aspectos. Mas, também se diferencia em muitos, principalmente no ponto em que como cada uma destas via os fatos que se apresentavam as mesmas, ou seja, o olhar das mesmas para cada coisa era um olhar diferente, de acordo com suas trajetórias de vidas.

Ao analisar as histórias de vidas de Dandara e Tereza nota-se alguns elementos fundamentais que se entrelaçaram nas entrelinhas desses percursos escolares, nas quais vamos discutir nesse tópico.

Percebe-se que essas duas mulheres negras são oriundas da classe popular, que revelam um aspecto simplista das coisas, um jeito muitas das vezes inocente de olhar para os fatos. Essas mulheres passaram por inúmeras situações, que acabaram interferindo em seus processos, percursos escolares.

A questão racial é percebida de forma bem diferente pelas duas mulheres. Enquanto Dandara ressalta que a questão do preconceito não existia em sua época, Tereza revela que este nunca deixou de existir, seja ela de forma velada ou estampada.

Outro fato que chama atenção nas histórias dessas mulheres é a questão dos fatores decisivos, que acabaram influenciando no percurso escolar destas. Dandara que concluiu o Ensino Médio relata que não progrediu nos estudos, pois o curso de ensino superior, na qual a mesma queria cursar era período integral, o que não lhe permitiu fazer, pois a mesma

necessitava trabalhar. Desse modo, a mesma não prosseguiu nos estudos. Já Tereza descreve que o fator decisivo na interrupção do percurso escolar foi a maternidade, bem como também a sua debilidade física, devido a bronquite, uma doença que a mesma tinha na época. De acordo com ela, esses fatores fizeram com que a mesma não progredisse no seu percurso escolar, cursando apenas o Ensino Fundamental completo.

Esses fatores são expressões pontuais do que se processa em termos de estrutura do país, marcada pelo racismo como um elemento central a produção de desigualdade social e econômica do país.

Um fator que cruza tanto a história de Dandara quanto a história de Tereza de Benguela, é a questão do trabalho como domésticas. O Ipea traz um dado muito interessante, através de uma das edições da obra do Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, que diz respeito ao campo de atuação da mulher negra no mercado de trabalho no ano de 2007. Segundo os dados, o trabalho doméstico trata-se de uma ocupação carregada de baixo valor social, onde as mulheres negras e pobres precisam ser submetidas, reunindo assim traços que ainda denotam um sistema escravocrata operante em nossa sociedade. Os dados ainda apontam que o índice de mulheres negras que exercem o trabalho doméstico chega a 21,4%, mulheres negras na posição de produção para próprio consumo e trabalho não remunerado chega a 15,4%. Porém um dado mais alarmante ainda é que apenas 23% dessas mulheres trabalham com carteira assinada, e cerca de 1,2% são empregadoras (PINHEIRO et al, 2008).

Há uma vasta literatura que discorre sobre as mulheres que na época da escravidão trabalhavam como mucamas e depois no pós abolição viram empregadas domésticas. Desse modo, é possível perceber que as escravas domésticas não desapareceram nem no século XX e nem no XXI. De acordo com Pereira (2011):

[...] O fim da escravidão trouxe novos arranjos para que essas mulheres continuassem a exercer as mesmas atividades, deixaram de ser escravas domésticas e passaram a ser empregadas domésticas. Quando analisamos a concretude dos sujeitos femininos na memória histórica, podemos perceber que a figura da mulher negra sempre esteve atrelada a Casa Grande, ela desempenhou um papel importante na estruturação social e na divisão hierárquica das escravas, a esfera privada de socialização, a grande casa patriarcal, se tornou o principal lugar de domesticação das mulheres escravizadas e foram essas escravas que garantiram o funcionamento da Casa Grande (PEREIRA, 2011, p 1).

Diante disso, percebe-se que de fato o sistema parece não ter mudado. Pouco são as alterações que podemos identificar para as mulheres negras do século XIX para o atual momento, com muitas dificuldades de acessar a educação, concluir os estudos ou conseguir ter uma qualificação profissional. O que mudou para grande parte das mulheres negras foi somente as nomenclaturas dadas a certas atividades exercidas por elas. Pois, alguns historiadores tem demonstrado que no período de transição da libertação dos escravos, parte das mulheres negras livres vão permanecer na casa dos patrões, dos donos de escravos, na condição de empregada doméstica. Nessa condição, o serviço doméstico assume características bem semelhantes a estrutura escravista que imperava nos séculos anteriores. Outras delas vão trabalhar como cozinheiras, lavadeiras, babás, faxineiras, atividades geralmente mantidas em relações de trabalho informais e de baixa remuneração. . Como bem retrata Pereira (2011, p. 5): “A escravidão acabou, mas suas heranças estão presentes no cotidiano e nas experiências de vidas das mulheres negras [...]”. Pouco mudou das condições sociais e econômicas das mulheres negras do século XIX para o século XXI.

Na verdade, Dandara e Tereza são herdeiras de um sistema escravista, que ainda hoje circula na nossa sociedade, fazendo com que mulheres negras raramente consigam romper as barreiras raciais impostas desse sistema e ascender socialmente e economicamente, mas dentro de seu limite permitido. De acordo com Costa Pinto apud Ratts (2003):

Quando a mulher de cor começa a ascender por outras formas na escala social [que não a prática do concubinato] – além de outros óbices comuns à cor independente de sexo, e ao sexo independente de cor – encontra, nessa arraigada atitude das camadas, um fator de resistência à sua ascensão como força de perpetuação de seu *status* subalterno (COSTA PINTO, 1998/1953, p. 119 apud RATTTS, 2003, p. 14).

É importante ressaltar ainda que tanto Dandara quanto Tereza não se vitimizam, não permaneceram na inercia social ou política, ambas encontram forças para continuar lutando pela sobrevivência e depositando esperanças nas futuras gerações para que esses alcancem condições melhores de vida. Ambas possuíam um projeto de cidadania profissional, onde as mesmas não foram para a miséria, mesmo com todas as adversidades que suas vidas encontraram, nem mesmo adotaram um discurso amargurado de vitimização. Pelo contrario, essas duas mulheres sempre lutaram e alcançaram profissões dignas e dentro dos seus limites, de suas possibilidades, destacando assim uma perspectiva de consciência de cada uma delas sobre a realidade que lhe foram impostas. Ao longo das narrações, mostraram que sempre é

possível fazer alguma coisa, cada uma a sua maneira, não deixou de lutar e de desempenhar um certo protagonismo familiar. Talvez as suas grandes batalhas estejam realmente no campo do núcleo familiar, considerado fundamental para Tereza e Dandara para as possibilidades de busca de melhores condições de vida para suas filhas e netas. Outro elemento comum e que une os sujeitos participantes dessa pesquisa é a relação que ambas tiveram com o mercado de trabalho. Dandara começou a trabalhar muito cedo, aos 12 anos de idade, como doméstica. Com Tereza não foi muito diferente. A mesma começou a trabalhar aos 9 anos de idade, também como doméstica, na casa do casal que havia lhe adotado.

Diante desse contexto, o trabalho surge como uma força humana essencial para o sujeito. Para Marx e Engels (1978 p. 53),

[...] o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza como uma de suas forças. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza [...].

Desse modo, percebe-se que o trabalhador acaba por se tornar uma mercadoria nas relações sociais que se estabelece na sociedade.

Assim, compreende-se a forte ligação existente entre o sujeito e o trabalho. O que se evidencia nesse caso é a estreita ligação de Dandara e Tereza com o trabalho, em um movimento de necessidade, de amparo e de melhoria de vida, com um futuro melhor.

O caso de Dandara e Tereza toma uma proporção bem mais ampla, pois ambas tentaram conciliar estudar e trabalhar simultaneamente. Sobre isso, Mattos e Chaves (2010) enfatizam que: “[...] trabalhar e estudar apresenta-se como um desafio cotidiano, e os jovens revelam a necessidade de desenvolver estratégias para conciliar as atividades nesses dois ambientes que disputam seu tempo, atenção e dedicação (p. 13)”.

Durante a narrativa das histórias de vida dessas duas mulheres foi possível perceber também um elemento fundamental que cruzou essas histórias, que são as barreiras raciais. Foi perceptível que tanto Dandara quanto Tereza não conseguiram realizar seus sonhos. Nesse sentido, o fracasso é colocado no sujeito, como o único fator decisivo para essa condição. No entanto, precisamos pensar que a não concretização desses projetos, desses sonhos se dá a uma série de fatores implícitos dentro de nossa sociedade. Moreira (2013) ressalta que:

[...] o segmento negro para ascender, tem de enfrentar um caminho espinhoso, tendo em vista que há mecanismos sociais definidos culturalmente na nossa sociedade, que são utilizados para inibir o negro e o mulato que ameaçam sair do seu “lugar” e, por isso, é preciso que o negro encontre mecanismos também sociais de enfrentamento (p. 159).

Dandara e Tereza em suas narrativas também revelaram ao longo de seus discursos a questão da influência da religião em suas vidas. Ambas são evangélicas, e fazem parte de um mesmo grupo de religiosos. O que de fato precisamos entender é: Como é ser negro e evangélico ao mesmo tempo? Como a religião acaba discutindo o racismo? Quais são os espaços onde são discutidos o racismo?

É importante ressaltar que o Movimento Negro tem alguns contrapontos em relação ao Cristianismo, por se tratar de um Movimento que reconhece muitas religiões de origem africana, enquanto que o Cristianismo adota a postura de seguir apenas a Cristo. Santos (2015, p. 139) ressalta “Ser evangélico [...] implicava a negação das religiões de origem africana, negação que pode ser comprovada em muitos momentos da história deste grupo marcada por diversos confrontos com os cultos afro-brasileiros [...]”.

No entanto, não podemos nos esquecer da outra faceta levada pelas práticas religiosas, que é o aceitamento ao outro, bem como a mensagem de paz, alegria transmitidas ao ser humano, que alivia a alma do mesmo, trazendo assim o bem estar social. Segundo Oliveira e Junges (2012, p. 473), “[...] a espiritualidade vem encontrando seu lugar como resposta aos anseios mais profundos do ser humano. Ao mesmo tempo, não se pode reduzir essa busca a uma mera satisfação de consumo social que não preencheria o vazio constituinte do ser humano”.

Por fim, o último elemento encontrado nas narrativas de Dandara e Tereza diz respeito ao racismo. Como discutido anteriormente, temos ao menos dois tipos de preconceitos existentes, e o que predomina em nossa sociedade é o preconceito racial de marca, que se estabelece pela aparência, pela cor, pelos traços físicos do outro. Nas narrativas pudemos notar que Dandara não percebe o racismo pela qual contornou toda a sua trajetória existencial, revelando assim o racismo velado, que não é revelado. O depoimento dela revela a dificuldade que a maioria dos brasileiros tem de identificarem práticas e predisposições racistas. Não é exclusividade de um discurso, um depoimento, refletir sobre isso. Enquanto que Tereza percebe esse racismo, consegue identifica-lo através dos diálogos feitos em sua família. É na família que ela vai aprendendo a identificar o racismo como constituinte das relações sociais e do mercado de trabalho, sobre as barreiras raciais que determinam o destino

de grande parte das mulheres negras, onde a única possibilidade de trabalho é como doméstica, faxineiras ou babás.

Além disso, foi também perceptível durante as narrativas dessas mulheres a questão do silêncio dos agentes da escola em discutir essa temática. Precisamos pensar que a escola é o melhor ambiente para a discussão da temática do preconceito, do racismo. Sobre isso, Moreira (2013):

[...] é importante que as escolas discutam sobre as questões raciais ocorridas em seus espaços, aprofundando na questão da discriminação do segmento negro e, sobretudo, evidenciando a valorização, o reconhecimento e a contribuição do negro na construção do país e na formação do povo brasileiro (MOREIRA, 2013, p. 157).

Diante disso, é necessário que professores, coordenadores, diretores se mobilizem e quebrem esse tabu dentro dos âmbitos escolares. A escola precisa ser um espaço para dialogar práticas de racismo, discriminação.

A partir, dessas narrativas foi possível perceber o silêncio do espaço escolar sobre a questão do racismo no passado e que na atualidade pode ser superado a partir da implementação da Lei 10.639.

A Lei 10.639 foi criada em 9 de janeiro de 2003, e tem como objetivo incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro Brasileira. Desse modo, a mesma possui uma grande importância no combate a discriminação racial e na promoção da afirmação étnica-racial para que a escola seja um ambiente positivo e de valorização da construção das identidades.

Contudo, percebemos o racismo ainda muito presente em nossos dias. E esse assunto precisa ser debatido nos âmbitos escolares. A Lei 10.639, veio para somar conosco na luta contra esse grande mal presente na sociedade.

Afinal, somos agentes transformadores neste mundo, capazes de atuar sobre este de forma ativa e reflexiva, pensando em grandes propostas de combate ao racismo. As mulheres negras tornaram-se alvos muito fáceis durante décadas, e parece que hoje esse cenário ainda não mudou tomando apenas outras proporções. Nesse sentido, cabe a nós através da educação discutir esse preconceito existente, e assim formar cidadãos que consigam discutir essa questão em outros ambientes da sociedade, ampliando essa discussão.

10. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros In: BRASIL. **História da Educação do Negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005, P. 21-35.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 135-150.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. IN: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli Garcia; MAGRINI, Pedro Rosas. **Especialização Ead em Gênero e diversidade na escola - Livro IV – Módulo IV**. Florianópolis: Copyart, 2015. p. 139 – 159.

FIGUEIREDO, Angela. Dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil. In. SANSONE, Livio, et ali. **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2 ed. Salvador : Associação Brasileira de Antropologia : EDUFBA, 2008, p. 237-256.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. Personalidades Negras- Dandara. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=33387>>. Acesso em: 24 de outubro de 2016.

GASPAR DA SILVA, Vera Lucia. Dar a palavra a... Tomar a palavra de... In: III CIIPA – Congresso Internacional sobre Pesquisa. **Autobiografia, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Salvador, Bahia: UDUNEB, 2006, p. 125 – 143.

GIACOMINI, Sonia Maria. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. IN: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli Garcia; MAGRINI, Pedro Rosas. **Especialização ead em Gênero e diversidade na escola - Livro IV – Módulo IV**. Florianópolis: Copyart, 2015. p. 121 - 138.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 83-92, 2007.

GONÇALVEZ, Luiz Alberto Oliveira. Negros e educação no Brasil. In. LOPES, Eliane Marta Teixeira [et al]. **500 anos de educação no Brasil**. 2. Ed. Belo Horizonte : Autentica, p. 325-346.

GOSS, Karine Pereira. **Identidades militantes em ações coletivas contemporâneas em Florianópolis (SC)**. Dissertação. 142p. Florianópolis: SC, 2003.

GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli Garcia; MAGRINI, Pedro Rosas. Apresentação. IN: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli Garcia;

MAGRINI, Pedro Rosas. **Especialização ead em Gênero e diversidade na escola** - Livro IV – Módulo IV. Florianópolis: Copyart, 2015. p. 11 - 20.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça, cor e outros conceitos analíticos. In: PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio. **Raça: novas perspectivas antropológicas**. Salvador: ABA/EDUFBA, 2008. p. 63 - 82.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995. ISSN 0104-026X. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>>; Acesso em: 22 de novembro de 2016.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA et al. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4. ed. Brasília, 2011.

LINHARES, Kleiton. O Corpo Da Mulher Negra: a dualidade entre o prazer e o trabalho. **Simposio Internacional De Educacao Sexual: Feminismos, Identidades De Gênero e Políticas Públicas**. IV Sies. Abril de 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Crítica da educação e do ensino**. Introdução e notas de Roger Dangeville. Lisboa, Portugal: Moraes, 1978.

MATTOS, Elsa de; CHAVES, Antônio Marcos. Trabalho e escola: é possível conciliar? A perspectiva de jovens aprendizes baianos. **Psicol. Cienc. Prof.** v. 30, n. 3, set. 2010. Disponível em:< <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/2947/1/v30n3a08.pdf>>. Acesso em 22 de novembro de 2016.

MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. **Mulheres negras professoras: das barreiras raciais a ascensão social**. Revista Encontro de Pesquisa em Educação, Uberaba, v.1, n.1, p.1. 2013. Disponível em:
<<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CDYQFjAD&url=http%3A%2F%2Frevistas.uniube.br%2Findex.php%2Fanais%2Farticle%2Fdownload%2F747%2F1044&ei=DBxOVdiCYHRgwTYyIH4BQ&usg=AFQjCNEVceyNR LdzGKywwSAIrJpZeKBdjg&sig2=fZbPAfaxgt4aFZCRhyv24A&bvm=bv.92885102,d.eXY>> Acesso em: 23 de novembro de 2016.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, 2004. São Paulo, V. 18, no 50, p. 51-66.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração. **FEA-USP**. São Paulo, v. 1. n. 3. 2º sem, 1996.

NERY, Denise Cristina Martins dos Santos. **Trabalho Feminino: Representações Sociais e Assédio Moral**. 2005. 115 p. Disponível em:
<http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=147>. Acesso em: 26 de agosto de 2016.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. Tempo Social, **Revista de sociologia da USP**, 2007, v. 19, n. 1.

OLIVEIRA, Amanda Melissa Bariano de. Ação educacional jesuítica no Brasil colonial. Anais do III Encontro Nacional do GT História das religiões e das religiosidades – Anpuh - Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011.

OLIVEIRA, Márcia Regina de; JUNGES, José Roque. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 17, n. 3, p. 469-476, Dec. 2012.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. “Se tiver criança na sala, eu não fico”... In: GUSTSACK, F.; VIEGAS, M. F.; BARCELOS, V. **Educação de jovens e adultos: saberes e fazeres**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007, p. 188 – 203.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”;** escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia - Campinas, SP : [s. n.], 2008.

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de. (orgs). (Auto)biografia: formação, territórios e saberes. Natal – RN: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008. SANT'ANA, Antonio Olímpio. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasil: MEC/BID/UNESCO, 2005. p. 39 - 68.

PEREIRA, Bergman de Paula. **De escravas a empregadas domésticas: a dimensão social e o “lugar” das mulheres negras no pós- abolição**. São Paulo: PUC, 2011.

PINHEIRO, Luana; FONTOURA, Natália de Oliveira; BONETTI, Ana Carolina Querino Alinne; ROSA, Waldemir. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 3. ed. Brasília: Ipea; SPM: UNIFEM, 2008. 36 p.

RATTS, Alecsandro JP. Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras. Comunicação apresentada no **XXVII Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, MG, 2003, 21 p.

SANT'ANA, Antonio Olímpio. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Adriana Martins dos. **Movimento Negro evangélico: o caso Reginaldo Germano**. **Revista Perspectiva Histórica**; Janeiro/Junho de 2015, Nº5 . Disponível em: <<http://perspectivahistorica.com.br/revistas/1434222646.pdf>>. Acesso em: 23 de novembro de 2016.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. **Somos todas rainhas**. Coleção História das Mulheres Negras, passado, presente e futuro. Associação Frida Kahlo e Articulação Política de Juventudes Negras, 2008. Disponível em: <<http://www.afrika.org.br/str-web/index.html>> Acesso em: 28 de novembro de 2016.

SEGATO, Rita. **Racismo, discriminación y acciones afirmativas**: herramientas conceptuales. Brasília: Série Antropologia, n. 404, 2006.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 27, nº 54, p. 281-300, dezembro de 2007.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Um olhar na historia: a mulher na escola (Brasil: 1549 - 1910). **II Congresso Brasileiro de História da Educação**, Natal, 2002.

STOLKE, Verena. O Enigma das Interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. IN: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Zigelli Garcia; MAGRINI, Pedro Rosas. **Especialização Ead em Gênero e diversidade na escola** - Livro IV – Módulo IV. Florianópolis: Copyart, 2015. p. 89 - 120.

TOMÉ, Dyeinne Cristina; QUADROS, Raquel dos Santos; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A educação feminina durante o Brasil colonial. **Anais da Semana de Pedagogia da UEM**. Volume 1, Número 1. Maringá: UEM, 2012.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, v. 15, n. 2, p. 125-139, jul-dez. 2012.

11. ANEXOS

Roteiro – Entrevista - Narrativa

1. Quando nasceu? Onde e como foi?
2. Quem escolheu o nome? Recebeu influência de quem?
3. Morava com quem? Composição da família (num de irmãos);
4. Como foi a tua infância? Relação com a família e amigos?
5. Quais eram as brincadeiras?
6. Tinha sonhos na infância? Qual era? Quais eram os medos?
7. Como foi a entrada no sistema escolar? E, as expectativas?
8. Como você se via na escola? Como era o relacionamento com os colegas? E, a escola como era? O que mais gostava na escola? E o que menos gostava?
9. Como era o relacionamento com o professor? Como ele era?
10. Como foi a adolescência?
11. Quais os motivos para a saída da escola? O que pensou a família? O que provocou na sua vida?
12. Como foi o tempo fora da escola no início? O que fez nesse período?
13. Houve algum momento em que a escola te fez falta/ te fez feliz, quando?
14. O que você gostaria de ter vivido com mais intensidade?
15. Qual a importância da educação para todos? Qual o sentido de estudar?
16. Que atividades marcaram/ gostava ou odiava na sua vida escolar? Educação física? Desenho? Qual?
17. Havia racismo na escola? Como ele se manifestava? Esse era um tema tratado em casa, pela família? E na escola?

18. Fez parte de outros espaços de formação: grupos de apoio, movimentos sociais, etc.?